

A HISTORIOLOGIA DE ORTEGA Y GASSET

Francisco Ovídio *

José Ortega y Gasset (1883 – 1955), filósofo espanhol, é o principal representante do raciovitalismo. Após o doutorado pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid, em 1904, dirigiu-se para a Alemanha, onde estudou em Leipzig, Berlim e Marburgo. Nesta última cidade, foi aluno do grande neokantiano Herman Cohen, nos anos de 1906 e 1907. O pensamento alemão exerceu grande influência na sua formação filosófica, principalmente Husserl e Dilthey, que considerava seu mestre e precursor.

De volta para a Espanha, em 1907, iniciou sua vida acadêmica como professor de Psicologia, Lógica e Ética na Escola Superior do Magistério. Em 1910 assumiu a cátedra de Metafísica da Universidade de Madrid, que exerceu até 1936. Além do magistério, desenvolveu intensa atividade jornalística e participou durante certo período da vida política espanhola, chegando a ser eleito para a Assembléia Constituinte. Com a deflagração da Guerra Civil Espanhola expatriou-se, residindo na França, Argentina, Holanda e Portugal, até 1945. Em 1948, fundou, juntamente com Julian Marías, o Instituto de Humanidades, um instituto privado de estudos e pesquisas. No ano seguinte, iniciou um extenso ciclo de conferências nos Estados Unidos, Alemanha e Suíça, retornando à Espanha pouco antes da sua morte.

A sua intensa atividade intelectual, desenvolvida em universidades, na imprensa e em cursos públicos redundou em doze substanciosos volumes, abrangendo trabalhos sobre os mais variados assuntos. Atento observador e crítico dos problemas humanos, Ortega debruçou sua inteligência privilegiada sobre os mais diversificados temas: filosofia, política, sociologia, arte, religião, literatura, psicologia, história etc. Capaz de discutir os mais complexos problemas de forma elegante e clara, os seus textos prendem a atenção do leitor e possibilitam ampla compreensão do assunto tratado, mesmo para os não especialistas. Segundo Ernest Robert Curtius, “foi o único homem na Europa capaz de falar com a mesma intensidade, com o mesmo brio e com a mesma competência de Kant, de arte pré-histórica, de cubismo, de Debussy e de Max Scheler.”

(*) Professor e Diretor do Centro de Pós-Graduação da UNAERP (Universidade de Ribeirão Preto).

A influência de Ortega provocou o florescimento de uma escola filosófica, a Escola de Madrid, reunindo expressivos nomes como Julian Marías, Manuel Garcia Morente, Xavier Zubiri, José Gaos, Recaséns Siches, José Ferrater Mora e outros mais da mesma expressão dos aqui indicados. Os adeptos das suas idéias filosóficas podem ser encontrados em diversos países, inclusive no Brasil. Nomes como A. L. Machado Neto, Gilberto de Mello Kujawski e Luiz Washington Vita, entre outros, sofreram marcante influência das teses defendidas pelo filósofo espanhol.

O exame das obras completas revela o seu interesse pela matéria histórica. Na análise dos mais variados problemas situa as raízes históricas, demonstrando a sua grande familiaridade com a História. Já na publicação de "Meditações do Quixote" (1914), aparece a preocupação em "buscar o sentido e a unidade dos fatos históricos", a idéia das mudanças de estrutura da vida humana de uma época para outra, a caracterização dos séculos, épocas, culturas e gerações.

Os oito volumes de "O Espectador", publicados entre os anos de 1916 e 1934, estão permeados de temas históricos, conforme pode ser verificado nos trabalhos "História e Geografia" (1925), "Deus à vista" (1927), "A interpretação bélica da História" (1925), "Sobre a morte de Roma" (1926), "Egípcios" (1934). Em outros escritos, como "História como sistema" (1935), considerado o seu trabalho mais importante sobre História, "A filosofia da história de Hegel e a historiologia" (1928), "Conceito da História" (1932), "Uma interpretação da História Universal" (1949), resultado de um curso que ministrou sobre a teoria de Arnold Toynbee, e "Sobre a razão histórica" (1944), Gasset revelou notável saber histórico e apresentou importantes contribuições para o desenvolvimento da ciência histórica.

As posições filosóficas tradicionais do realismo e do idealismo encontram, respectivamente, nas coisas e nas idéias a realidade primeira. Ortega superou estas explicações e situou na vida humana a realidade radical. Esta realidade primária é a do eu com as coisas, com a circunstância, o que enunciou já no seu primeiro livro, em 1914, através da célebre frase — "eu sou eu e a minha circunstância."

A minha vida (realidade radical) não é uma coisa, como a pedra ou o animal. A estes, a existência é dada pronta, essencialmente perfeita, o que não acontece com o homem, cuja vida não é dada feita, mas a fazer-se.

Pelo fato de não ter uma substância previamente dada, a vida humana há de se compor do que em nossa vida e da nossa vida fazemos, pois "o homem, não só economicamente, senão metafisicamente tem de ganhar a vida." (5: 337)

A vida humana, este "que hacer", não é a biológica, que no fundo não se distingue dos outros animais, mas a biográfica, que é a de

cada um e é irreduzível a outra qualquer. Se a vida humana fosse biológica, o homem seria classificado de forma rigorosa, como vertebrado, mamífero, primata, "homo sapiens" etc. Já na biográfica, o homem não é, vai sendo isto e aquilo, sua vida é "um gerúndio e não um particípio: um "faciendum" e não um "factum", não tem natureza, mas história." (6:32-33)

Entre os "que haceres" da vida humana está o pensamento, a razão. Desde a Grécia, e durante séculos, compreendeu-se a razão como algo que capta o imutável, a essência eterna das coisas, à margem do tempo. Este entendimento culminou na razão matemática dos racionalistas do século XVII, que produziu as ciências físicas e a "razão pura" de Kant. Para o conhecimento da natureza este tipo de razão mostrava-se suficiente, o mesmo não ocorrendo com a realidade humana. Esta, por ser mutável e temporal, de singular plasticidade, não se encaixava nos moldes da razão pura.

A conseqüência desta inabilidade da razão pura, acentuada desde o século XIX, foi a causadora dos irracionaisismos que marcaram o pensamento filosófico nos últimos cem anos. Ortega contrapôs-se firmemente ao irracionalismo e criticou a razão pura, que considerava uma forma particular de razão. Considerar como razão a razão pura ou matemática, julgava ser um erro, é tomar a parte pelo todo. "Todas as definições da razão, que faziam consistir o essencial destas em certos modos particulares de operar com o intelecto, além de serem estreitas, esterilizam-na amputando-lhe ou embotando a sua dimensão decisiva. Para mim é razão, no seu verdadeiro e rigoroso sentido, toda a ação intelectual que nos põe em contato com a realidade por meio da qual topamos com o transcendente." (6:46)

Assim, Ortega introduz o conceito de razão vital, capaz de apreender a realidade temporal da vida, de conciliar a antinomia entre razão e vida. Este empreendimento, a submissão da razão à vitalidade, considerava como "o tema de nosso tempo".

O conceito de razão vital é uma das chaves para o entendimento do pensamento orteguiano. A razão é a própria vida humana, "constitui com o viver uma e a mesma coisa" (...) viver não é outra coisa senão ter outro remédio do que raciocinar perante a circunstância inexorável. "O pensamento é, assim, uma tarefa vital. Uma realidade humana só se torna inteligível sob o ponto de vista da vida, referida à essa totalidade em que está radicada."

Por outro lado, é necessário que a razão vital se faça razão histórica, pois o horizonte da vida humana é histórico, a história é a circunstância mais determinante do homem, aquela que lhe dá, mesmo, o caráter e a feição dominante. O homem em cada momento de sua vida é o

seu próprio passado e o da sociedade à qual pertence. A razão histórica ou narrativa é a razão vivente, a razão que é a própria vida.

“Trata-se de encontrar na própria história a sua razão original e autóctone. Por isso tem que se entender em todo o seu rigor a expressão “razão histórica”. Não há razão extra histórica que pareça cumprir-se na história, mas literalmente, o que ao homem aconteceu, constituindo a razão substantiva, a revelação de uma realidade transcendente às teorias do homem e o que é o mesmo sob as suas teorias.” “A razão histórica não aceita nada como mero fato, uma vez que fluidifica todo o fato no “fieri” de que provem: vê como se faz o fato.” (6:49-50)

O homem encontra-se vivendo a uma altura determinada dos tempos: um certo nível histórico. A vida humana é feita por uma substância peculiar, que é o seu tempo. Ao passo que o tigre é sempre um primeiro tigre, que estréia o ser tigre, o homem é herdeiro de um passado, de uma série de experiências humanas pretéritas, que condicionam o seu ser e as suas possibilidades. “O indivíduo humano não estréia a humanidade. Encontra imediatamente na sua circunstância outros homens e a sociedade que entre eles se produz. Daqui resulta que a sua humanidade, aquela que nele começou a se desenvolver, parte de outra que já desenvolveu e chegou à sua culminação. Em suma, acumula à sua humanidade um modo de ser homem já forjado, que não tem que inventar, mas simplesmente instalar-se nele, partir dele para o seu desenvolvimento individual.” (6: 40-43)

O método preconizado por Gasset para compreender a realidade histórica é o método das gerações. Nos trabalhos “O tema de nosso tempo” (1923) e, mais particularmente, “Em torno a Galileu” (1933) desenvolveu a matéria, mostrando que a estrutura da história são as gerações, pois cada homem encontra-se num mundo determinado por um repertório de crenças, idéias, usos e problemas. Esta forma de vida dura certo tempo, para ele, quinze anos. “As variações da sensibilidade vital que são decisivas na história se apresentam sob a forma de gerações. Uma geração não é um punhado de homens egrégios, nem simplesmente uma massa; é como um corpo social integrado com sua minoria seleta e sua multidão, que foi lançada sobre o âmbito da existência com uma trajetória vital determinada. A geração, compromisso dinâmico entre massa e indivíduo, é o conceito mais importante da história e, por assim dizer, a dobradiça sobre a qual executa seus movimentos.” (3: 147)

Cada geração é determinada por uma data central e constituída por uma “zona de datas” de quinze anos, sendo sete anos antes e sete depois do ano decisivo. Um homem pertence a uma geração que é comum a todos os que nasceram dentro dessa zona de datas. Entre os contemporâneos, ou seja, os que vivem no mesmo tempo, Ortega distingue os coetâneos, que são os que têm a mesma idade, isto é, pertencem à mesma geração. As gerações decisivas são aquelas em que se registra variação histó-

rica maior que a de ordinário, e determinam a articulação das épocas históricas.

Em cada momento histórico-social convivem diversas gerações. Até os quinze anos o indivíduo está numa fase puramente assimilatória e passiva; nos quinze anos subseqüentes, até os trinta, está se preparando para entrar na vigência social, para assumir os postos que lhe garantam uma participação no comando da sociedade. As duas gerações seguintes, dos trinta aos quarenta e cinco e dos quarenta e cinco aos sessenta, são as vigentes, as que ocupam presentemente o mando social. As gerações posteriores aos sessenta, devido ao desgaste físico e a morte, são as gerações que se afastam da vida pública atuante para a vilegiatura e a morte. Naturalmente, a regra comporta exceções e a história nos oferece diversos exemplos de líderes prematuros, vetustos e até de permanência prolongada no mando. De uma forma geral, o método histórico das gerações tem correspondido à estrutura da vida humana em diferentes épocas históricas.

A propósito do método histórico das gerações é interessante anotar o excelente trabalho de A. L. Machado Neto "Estrutura Social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira - 1870-1930), publicado pela Grijalbo/USP, em 1973, no qual o saudoso intelectual baiano faz a aplicação da teoria no estudo de um significativo período da vida intelectual brasileira.

Ortega emprega o termo história em dois sentidos precisos: como processo histórico e como conhecimento deste processo. Em "A filosofia da história de Hegel e a historiologia" (1928), afirma que para que a história seja o que deve ser, é preciso acrescentar e preferir às técnicas inferiores com que até agora o historiador pesquisa os dados, outra técnica de caráter incomparavelmente superior: "a ontologia da realidade histórica o estudo a priori de sua estrutura essencial."

A análise das obras históricas revelou para Gasset uma acentuada insuficiência, apontando um desnível entre a produção historiográfica e o estudo de outras ciências. Os livros de História não apresentavam o mesmo rigor científico encontrado em obras de Física, Química e Biologia, "sobre um aparente rigor de métodos no que não importa, seu pensamento é impreciso e caprichoso em todo o essencial." (4: 523)

A penetrante análise epistemológica efetuada por Ortega sobre a História levou-o a considerar que "os grandes progressos da ciência histórica nos últimos cinquenta anos foram devidos, não aos filósofos e historiadores "sensu stricto", mas aos etnólogos, arqueólogos e economistas." Os historiadores preocupavam-se mais em manusear arquivos, limitavam-se mais com o simples registro de dados, relegando a segundo plano a elaboração intelectual, a construção teórica. Para sanar esta falha deveriam preocupar-se mais com o estudo da referida estrutura essencial, da

ontologia da realidade histórica. Esta construção prévia daria uma nova dimensão à ciência histórica, pois sem ela os fatos isolados carecem de sentido.

O saber histórico, no seu entender, era fundamental, a primeira condição mesma, para o saneamento e ressurgimento da Europa. Somente a História pode proporcionar as complicadas soluções para os problemas europeus. Por ser a História a ciência sistemática da realidade radical, que é minha vida, através dela procuramos compreender as variações que sobrevêm no espírito humano. Considerava inseparáveis a reflexão sobre a história como realidade a ser conhecida e a reflexão sobre o conhecimento dessa realidade; a reflexão sobre a história como processo vivente das sociedades humanas, da humanidade, e a reflexão sobre a historiologia.

A especificidade do conhecimento histórico foi bem situada pelo filósofo espanhol. Manejando com rara habilidade os elementos epistemológicos, mostrou que toda ciência da realidade, dentre elas a História, é integrada por quatro elementos: a) um núcleo "a priori", a analítica do gênero de realidade, aquilo que Aristóteles intitulava "quiditas" (a matéria para a Física, o "histórico" para a História; b) um sistema de hipóteses que une esse núcleo "a priori" com os fatos observáveis; c) um campo de induções dirigidos à hipótese e, d) uma vasta periferia, rigorosamente empírica dos puros dados ou fatos. (4: 530)

O grau de intervenção destes elementos na ciência depende da sua fisiologia particular que, por sua vez, se relaciona à textura ontológica que cada forma geral da realidade possui. Assim, preocupou-se em apontar a diferença entre a História e a Física, revelando claramente sua posição culturalista. "A história vive e progride graças a uma aguda antinomia. A história não é como a física, um ensaio para explicar fenômenos materiais que por si mesmo carecem de sentido: o movimento dos corpos, a luz, o som etc. Em vez de explicar, a história trata de entender. Só se entende o que tem sentido. O fato humano é precisamente o fenômeno cósmico que tem sentido." (2:310) A História não é manipulação, mas descobrimento de realidades e por isso tem que partir da realidade mesma e manter-se em contato permanente com ela, em atos de compreensão e não simplesmente em operações mecânicas que substituem aquela. (4:532)

O termo historiologia em substituição à historiografia constitui uma novidade proposta por Ortega para precisar a sua contribuição. Partindo da idéia de que a vida é sistema, considerou a história como sistema, o que resultou na possibilidade ontológica da ciência histórica como historiologia, através da analítica da vida histórica, que é a metahistória." A historiologia não é, portanto, uma reflexão metodológica sobre a "historia rerum gestarum" ou historiografia, mas uma análise imediata da "res gesta", da realidade histórica. Qual é a textura ontológica desta? De que ingredientes radicais se compõem? Quais são suas dimensões primárias? (4: 539)

A invejável cultura de Ortega y Gasset e o seu permanente espírito crítico permitiram que debruçasse sua atenção sobre as diversas tendências e filosofias. Autores como Toynbee, Splenger, Huizinga, Rostovtzeff, Max Weber e Karl Marx mereceram interessantes análises da sua parte. Em relação à interpretação econômica da história deste último autor, considerava-a uma das mais estimáveis teorias do século XIX. Embora a visse como um grande erro por fazer do ingrediente econômico a única realidade histórica, desprezando a superestrutura política, jurídica, artística, devido a ela a História passou não só a narrar o acontecido, mas a aspirar a reconstruir o mecanismo gerador dos acontecimentos. O exagero em dar primazia ao fator econômico contribuiu no sentido de despertar a atenção para os dados econômicos das diferentes épocas. Em "A interpretação bélica da história" (1927) afirmou que a idéia de Marx, pelo menos, a grosso modo, era verdadeira para o século XIX e parte dos próximos anteriores, pois o homem moderno vinha progressivamente convertendo-se em "homo aeconomicus". A interpretação econômica da história esclarece satisfatoriamente a realidade da nossa época, mas ela não tem a mesma eficácia se aplicada a outras. É que não se pode chegar a uma suficiente compreensão do processo histórico "se antes não se investiga e mede o influxo de cada atividade humana sobre o resto da vida." A pretensão de aplicar a tese de que a história tem sido governada em todas as épocas pelos meios de produção e pela luta de classes é repelida, pois a estrutura latente e substantiva da sociedade muda de uma época para outra, sendo incabível a idéia de descobrir um único princípio invariável que seja o diretor das mudanças humanas. (1: 527)

O mestre do raciovitalismo julgava igualmente equivocadas as concepções individualista e coletivista da história, apresentadas como contrapostas. Para ele, os heróis e as massas são uma dualidade essencial do processo histórico e em todos os estádios da evolução da humanidade os dois se interagem. Os homens mais enérgicos, independente da forma da sua energia, operam sobre as massas dando-lhes uma configuração determinada. Este processo implica certa comunidade básica entre os indivíduos superiores e a multidão vulgar, pois um indivíduo totalmente heterogêneo à massa não produziria qualquer efeito em relação à ela.

A contribuição orteguiana no campo da História é notável e não seria possível apresentá-la em sua totalidade nos limites de um simples artigo. No entanto, acreditamos que fornecemos as linhas gerais do seu pensamento sobre a matéria histórica. Embora filósofo por formação e profissão, Gasset promoveu uma crítica radical da ciência histórica, descorrinando-lhe novos horizontes e possibilitando a superação de diversos entraves epistemológicos que dificultavam o seu desenvolvimento. O historiador vivia imerso num dilema entre fazer história ou fazer ciência e acabou optando pela primeira via, deixando para o segundo plano a

preocupação científica. Com isso a História ficou limitada à descrição de fatos singulares, com base na pesquisa documental.

A síntese efetuada por Ortega orientou-se no sentido de encontrar na história a sua própria e natural razão — a razão vital ou razão histórica. Mostrou que as variações históricas não procedem nunca de causas externas ao organismo humano. A História é razão histórica, portanto, um esforço e um instrumento para superar a variabilidade da matéria histórica. A razão histórica é o órgão mental que permite elevar-se do conhecimento de fatos históricos em função de uma determinada cultura, a uma apreciação absoluta desses mesmos fatos. Mediante a razão histórica é possível ao homem passar do plano da história ao da História, com letra maiúscula.

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia básica utilizada foi a edição das Obras Completas de José Ortega y Gasset, publicada pela Alianza Editorial/Revista de Occidente, em 1983, num total de 12 volumes.

Para facilitar a citação, indicamos abaixo os textos utilizados. A referência será feita através do número do texto, seguido pelo da página.

1. "La interpretación bélica de la Historia", tomo II;
2. "Las Atlántidas", tomo III;
3. "El tema de nuestro tiempo", tomo III;
4. "La filosofía de la Historia de Hegel y la historiología", tomo IV;
5. "Meditación de la técnica", tomo V;
6. "Historia como sistema", tomo VI.

preocupação científica. Com isso a História ficou limitada à descrição de fatos singulares, com base na pesquisa documental.

A síntese efetuada por Ortega orientou-se no sentido de encontrar na história a sua própria e natural razão — a razão vital ou razão histórica. Mostrou que as variações históricas não procedem nunca de causas externas ao organismo humano. A História é razão histórica, portanto, um esforço e um instrumento para superar a variabilidade da matéria histórica. A razão histórica é o órgão mental que permite elevar-se do conhecimento de fatos históricos em função de uma determinada cultura, a uma apreciação absoluta desses mesmos fatos. Mediante a razão histórica é possível ao homem passar do plano da história ao da História, com letra maiúscula.

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia básica utilizada foi a edição das Obras Completas de José Ortega y Gasset, publicada pela Alianza Editorial/Revista de Occidente, em 1983, num total de 12 volumes.

Para facilitar a citação, indicamos abaixo os textos utilizados. A referência será feita através do número do texto, seguido pelo da página.

1. "La interpretación bélica de la Historia", tomo II;
2. "Las Atlántidas", tomo III;
3. "El tema de nuestro tiempo", tomo III;
4. "La filosofía de la Historia de Hegel y la historiología", tomo IV;
5. "Meditación de la técnica", tomo V;
6. "Historia como sistema", tomo VI.